



A Agricultura da Torneira Aberta: Pouco PIB, Muita Água e uma Estratégia por Fazer

Publicado em 2026-07-12 20:37:00



BOX DE FACTOS

- O BPI Research, com base em dados do INE, indica que em 2024 o VAB da agricultura equivalia a cerca de 1,9% do VAB total da economia portuguesa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Esse valor contrasta com uma média europeia bastante inferior, referida no estudo da Gulbenkian como cerca de 24%.
- O Ministério da Agricultura reconhece a necessidade de promover o uso eficiente da água na agricultura, tanto em sequeiro como em regadio.
- O INE indicou que, em 2024, o rendimento da actividade agrícola aumentou em termos reais, com o VAB agrícola a crescer 7,3%.
- A questão central não é acabar com a agricultura, mas reformar profundamente o modelo agrícola, a política de regadio, os subsídios e a produtividade hídrica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Pouco PIB, Muita Água e uma Estratégia por Fazer

Portugal não pode continuar a aceitar que um sector com peso económico directo reduzido consuma a maior fatia da água nacional sem uma discussão séria sobre produtividade hídrica, soberania alimentar, justiça territorial e futuro climático.

Há números que não precisam de gritar para serem escandalosos. Basta ficarem quietos, lado a lado, como duas testemunhas silenciosas de uma política pública mal pensada. De um lado, a agricultura portuguesa com um peso directo reduzido na economia: cerca de 1,9% do VAB total em 2024, segundo análise do BPI Research baseada em dados do INE. Do outro lado, o sector agrícola a consumir cerca de 75% da água utilizada em Portugal, segundo o estudo da Fundação Gulbenkian sobre o uso da água no país.

Ora, isto merece uma pausa. Uma pausa longa, de preferência sem rega automática.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

e a ilusão de que mais barragens resolvem tudo. Aparentemente, em Portugal, quando falta visão, abre-se uma vala, constrói-se uma albufeira e chama-se a isso estratégia.

Convém esclarecer desde já: este artigo não é contra a agricultura. Seria absurdo. A agricultura é essencial à alimentação, à gestão do território, à vida rural, à soberania alimentar, à paisagem e ao equilíbrio social de muitas regiões. Sem agricultura, o país ficaria mais dependente, mais vazio, mais pobre territorialmente e provavelmente ainda mais entregue ao mato, ao abandono e ao fogo.

O problema não é a agricultura. O problema é uma certa forma de agricultura: sedenta, subsidiada, pouco selectiva, demasiado permissiva no uso da água, por vezes orientada para culturas que fazem pouco sentido climático, demasiado protegida por discursos sentimentais e pouco obrigada a demonstrar produtividade hídrica real.

Em Portugal, a água continua muitas vezes a ser tratada como se fosse uma bênção bíblica com canal de rega. Mas a água já não é apenas um recurso. É fronteira estratégica. É soberania. É economia. É conflito futuro. É justiça entre sectores. É justiça entre gerações. É a diferença entre um

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A desproporção é simples e brutal: cerca de 2% de peso económico directo, cerca de 75% da água utilizada.

Naturalmente, os defensores do modelo actual dirão que não se pode comparar directamente PIB com água. E terão razão, em parte. A agricultura produz alimentos, ocupa território, fixa população, alimenta cadeias agroindustriais e tem valor estratégico que não se mede apenas no PIB. Uma vaca, uma oliveira, uma vinha ou um campo de milho não são apenas linhas numa folha de cálculo.

Mas a objecção não chega. Porque se a agricultura tem valor estratégico, então deve ser tratada com exigência estratégica. E uma actividade estratégica que consome água escassa deve provar que transforma essa água em valor social, alimentar, económico e territorial superior ao seu custo ambiental.

O problema português é precisamente esse: demasiadas vezes a água é usada como se o seu preço real não existisse. A factura aparece depois, sob a forma de seca, aquíferos pressionados, conflitos entre usos, restrições no abastecimento, degradação de ecossistemas, obras públicas caras e discursos aflitos quando o céu se esquece de chover.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A nostalgia irrigada

Há em Portugal uma espécie de santificação automática da agricultura. Basta pronunciar a palavra “campo” e logo surge uma música de fundo com sobreiros, avós, pão, azeite, enxadas honestas e uma ideia romântica de ruralidade. A realidade, como de costume, tem menos violinos.

A agricultura moderna pode ser altamente tecnológica, intensiva, capitalizada, exportadora, mecanizada e dependente de água, energia, fertilizantes, fitofármacos, crédito, subsídios e mercados internacionais. Não é apenas o pequeno agricultor com mãos calejadas e chapéu de palha. Também é exploração intensiva, cultura sedenta, monocultura, pressão sobre solos, pressão sobre água e lógica de volume.

O discurso sentimental sobre a agricultura é útil, porque impede perguntas incómodas. Quem questiona o modelo é logo acusado de não compreender o mundo rural. Quem pergunta pela água é tratado como inimigo dos agricultores. Quem fala em eficiência hídrica é visto como tecnocrata urbano sem alma. Fantástico. Como se a alma fosse argumento suficiente para gerir aquíferos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

isso implica adaptá-la a um país mais seco, mais quente e mais pressionado.

Uma agricultura que ignora a escassez de água não está a defender o mundo rural. Está a hipotecá-lo.

Regadio: solução ou vício?

O regadio é muitas vezes apresentado como solução. E, em muitos casos, é. Permite estabilizar produção, aumentar rendimento por hectare, diversificar culturas, reduzir o risco da variabilidade climática e criar valor onde o sequeiro seria limitado. Seria primário negar a importância do regadio num país mediterrânico.

Mas o regadio também pode ser vício. Pode criar a ilusão de abundância num território de escassez. Pode incentivar culturas que só existem porque a água é artificialmente garantida. Pode levar à expansão de áreas irrigadas em vez de apenas melhorar a eficiência. Pode transformar cada ganho tecnológico numa desculpa para consumir mais água no conjunto, aquele truque encantador em que a eficiência por hectare melhora, mas a factura total continua a subir.

É o velho paradoxo: rega-se melhor, portanto rega-se mais. A tecnologia entra pela porta da frente e a poupança

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

com critério. Não de regadio como dogma. Não de regadio como religião hidráulica. Não de regadio como promessa política permanente para resolver problemas que exigem escolhas difíceis.

O país deve perguntar, região a região, cultura a cultura, projecto a projecto: qual é o retorno económico, alimentar, social e ambiental por metro cúbico de água?

Sem essa pergunta, a política da água é apenas canalização com propaganda.

A água não pode continuar barata para o desperdício

Num país sério, a água agrícola teria de ser gerida com muito mais rigor. Isso não significa esmagar pequenos agricultores, nem destruir explorações familiares, nem transformar a água num luxo. Significa distinguir entre quem usa bem, quem desperdiça, quem produz valor estratégico e quem apenas consome um recurso público escasso porque o sistema permite.

O preço da água não pode ser cego. Deve proteger usos essenciais e pequenos produtores vulneráveis, mas deve penalizar desperdício, perdas evitáveis, culturas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando uma actividade recebe água barata, recebe uma vantagem económica. Quando essa água é escassa, essa vantagem deve ser justificada perante a sociedade.

O cidadão urbano é convidado a poupar água no duche, fechar a torneira enquanto lava os dentes e sentir culpa por regar duas plantas na varanda. Tudo muito pedagógico. Entretanto, a grande fatia da água utilizada vai para a agricultura. A pedagogia hídrica nacional tem esta beleza: ensina o cidadão a poupar copos de água enquanto evita discutir piscinas agrícolas inteiras.

Não se trata de dispensar a poupança doméstica. Toda a poupança conta. Mas é intelectualmente desonesto transformar o cidadão comum no protagonista moral da crise da água enquanto se evita discutir o principal consumidor.

Que culturas fazem sentido num país seco?

A pergunta mais incómoda é também a mais simples: que culturas deve Portugal promover num país cada vez mais seco?

Nem todas as culturas têm o mesmo consumo hídrico. Nem todas geram o mesmo valor. Nem todas têm a mesma

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal precisa de uma matriz pública de decisão agrícola: água por hectare, valor por metro cúbico, emprego criado, dependência de subsídios, impacto ecológico, importância alimentar, adequação climática, pressão sobre aquíferos e resiliência futura.

Isto não deveria ser radical. Deveria ser básico. Mas num país onde o básico muitas vezes parece revolucionário, pedir contas à água é quase uma provocação.

A agricultura de futuro deve privilegiar culturas adaptadas ao clima, sistemas agroecológicos, recuperação de solos, eficiência de rega, sensores, monitorização, dados abertos, reutilização de águas residuais tratadas quando adequado, redução de perdas, variedades resistentes ao stress hídrico e planeamento regional sério.

Não basta pôr tecnologia na rega. É preciso pôr inteligência na escolha do que se rega.

Subsídios sem exigência são anestesia pública

A política agrícola europeia e nacional tem historicamente um enorme peso em subsídios, apoios, incentivos e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ambientais proporcionais.

Um subsídio público deve comprar futuro, não apenas adiar decadência.

Se o Estado apoia agricultura, deve exigir contrapartidas: eficiência hídrica mensurável, culturas adequadas, solos protegidos, redução de perdas, práticas regenerativas, monitorização, transparência e melhoria de produtividade por metro cúbico de água.

Não basta dizer que a agricultura é estratégica. Estratégica para quê? Para produzir alimentos essenciais? Para exportar valor? Para manter território vivo? Para sustentar cadeias agroindustriais? Para preservar solos e água? Ou apenas para manter um sistema de interesses onde todos fingem que a torneira é infinita?

Portugal tem demasiada facilidade em confundir apoio público com manutenção de hábitos. Apoiar não é conservar tudo como está. Apoiar deve ser orientar mudança. Caso contrário, o subsídio é apenas uma almofada onde a estratégia adormece.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

económico, alimentar e social é criado por cada metro cúbico de água?

Esta pergunta deveria orientar projectos de regadio, apoios públicos, escolhas culturais, ordenamento agrícola e investimentos. Não se trata apenas de “produzir mais”. Trata-se de produzir melhor, com menos água, mais valor, maior resiliência e menor dano futuro.

Num país em stress hídrico, a produtividade da água é tão importante como a produtividade do trabalho ou do capital. Talvez mais. Porque, ao contrário do capital, a água não se imprime. Embora algumas políticas públicas pareçam acreditar que sim, desde que a barragem tenha inauguração marcada.

Portugal precisa de uma contabilidade hídrica séria. Água captada, água distribuída, perdas, água aplicada, água efectivamente consumida, retorno económico, impacto ecológico, qualidade da água devolvida, pressão sobre aquíferos e sustentabilidade regional.

Sem dados, a discussão vira religião. E Portugal já tem capelas suficientes, incluindo algumas com ministérios.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

agrícola é o território. E há razão nesse argumento. A agricultura pode ajudar a fixar população, manter paisagem, reduzir abandono, criar actividade económica e sustentar comunidades rurais.

Mas o interior não se salva com qualquer agricultura. Uma agricultura que esgota água, depende de subsídios frágeis, gera pouco valor, emprega pouco ou pressiona ecossistemas não é solução territorial. É adiamento territorial.

O interior precisa de agricultura, sim. Mas também precisa de agroindústria de valor, energia inteligente, floresta bem gerida, tecnologia, serviços, pequenas cidades vivas, transportes, saúde, educação, internet decente, habitação acessível e empresas capazes de pagar salários dignos.

Transformar a agricultura em resposta única para o interior é tão redutor como transformar o turismo em resposta única para o país. E Portugal já testou suficientemente a religião do turismo, com os resultados maravilhosos que se vêem: casas caras, salários baixos e muita fotografia bonita para compensar a falta de modelo produtivo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A soberania alimentar também exige inteligência

Outro argumento forte é a soberania alimentar. E é legítimo. Um país não deve depender excessivamente de importações alimentares. A pandemia, a guerra na Ucrânia, as crises energéticas e a instabilidade internacional mostraram que cadeias globais podem falhar.

Mas soberania alimentar não significa produzir tudo, em qualquer lado, a qualquer custo hídrico. Significa garantir acesso estável, resiliente e sustentável a alimentos essenciais. Significa diversificar produção, proteger solos, gerir água, reduzir desperdício alimentar, apoiar agricultores eficientes, fortalecer cadeias curtas quando fazem sentido e assegurar reservas e logística.

Uma agricultura que consome água escassa de forma pouco selectiva pode, paradoxalmente, fragilizar a soberania alimentar futura. Porque sem água, não há soberania. Há apenas memória agrícola e discursos ao pôr-do-sol.

A soberania alimentar não pode ser argumento para irrigar irracionalidade. Deve ser critério para seleccionar melhor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não de moralismo urbano. Não de slogans verdes vazios. Precisa de uma reforma séria, técnica, justa e politicamente corajosa.

Essa reforma deveria incluir:

- medição obrigatória e transparente dos consumos agrícolas de água;
- redução de perdas em transporte, distribuição e aplicação;
- preços diferenciados que protejam pequenos produtores mas penalizem desperdício;
- apoios públicos condicionados à eficiência hídrica e adequação climática;
- reorientação de culturas em zonas de stress hídrico;
- monitorização de aquíferos e limites reais à captação;
- uso de sensores, dados, satélite e IA para gestão da rega;
- reutilização de águas residuais tratadas quando segura e economicamente viável;
- investimento em solos saudáveis, matéria orgânica e retenção natural de água;

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

contrário. É a única forma séria de defender a agricultura num país que não terá a água de ontem.

Defender a agricultura não é fingir que a seca é passageira. Defender a agricultura é prepará-la para sobreviver à seca.

Epílogo: a torneira e a calculadora

A agricultura portuguesa tem valor. Tem história. Tem importância social. Tem papel territorial. Tem agricultores sérios, inovadores, sacrificados e competentes. Mas também tem um modelo que precisa de ser discutido sem sentimentalismo, sem chantagem ruralista e sem a habitual cobardia política perante interesses instalados.

Um sector que pesa pouco directamente na economia e consome a maior fatia da água nacional não pode ficar acima da crítica. Pelo contrário: deve estar no centro da crítica estratégica.

A água será uma das grandes questões nacionais das próximas décadas. Talvez mesmo a principal. E se Portugal continuar a tratar a água como detalhe técnico da agricultura, em vez de a tratar como recurso vital da

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Trata-se de escolher entre agricultura inteligente e agricultura suicida.

Entre soberania alimentar e desperdício subsidiado.

Entre território vivo e território artificialmente regado até ao limite.

Entre futuro e nostalgia irrigada.

A frase final é simples:

A agricultura pode ser estratégica. Mas uma agricultura que depende de água escassa, subsídios públicos e baixo valor acrescentado não é estratégia. É nostalgia irrigada.

Referências usadas

- Fundação Calouste Gulbenkian — **Gulbenkian Água** — O uso da água em Portugal.
- Fundação Calouste Gulbenkian — **O Uso da Água em Portugal** — estudo completo.
- Ministério da Agricultura — **Uso eficiente da água.**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Agroalimentar, retrato e ultimos desenvolvimentos.

- Banco Mundial — *Agricultural freshwater withdrawals — Portugal.*
- Agência Europeia do Ambiente — *Water abstraction by source and economic sector in Europe.*
- APA — Programa Nacional para o Uso Eficiente da *Água.*
- DGADR — *Regadio e Aproveitamentos Hidroagrícolas.*

Texto: Francisco Gonçalves

Coautoria editorial e revisão crítica: Augustus Veritas / Fragmentos do Caos News Team

Nota Editorial

Portugal fala muito da exiguidade da água, da seca, da crise hídrica e da necessidade de poupança. Fala-se de barragens, de transvases, de dessalinização, de restrições, de duches mais curtos e de torneiras domésticas bem-comportadas. Tudo isso pode ter lugar no debate público. Mas falta quase sempre a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quantos euros de valor económico, alimentar, territorial e social produzimos por cada metro cúbico de água consumido?

Sem esta métrica, a política da água fica reduzida a gestão de escassez com ar preocupado. Discute-se quanta água falta, mas raramente se discute para onde vai a água disponível, quem a utiliza, que culturas alimenta, que valor acrescentado gera, que território sustenta e que futuro compromete.

A agricultura não deve ser tratada como inimiga. Isso seria primário e injusto. A agricultura é essencial à alimentação, ao território, ao interior e à soberania alimentar. Mas precisamente por ser importante deve ser medida com rigor, comparada com honestidade e sujeita a exigência estratégica. Um sector que utiliza a maior fatia da água nacional não pode ficar fora da contabilidade séria da água.

A questão decisiva não é apenas saber se há pouca água. A questão decisiva é saber se estamos a usar a água escassa para criar valor proporcional, resiliente e socialmente justificável. Num país cada vez mais seco, a água não pode continuar a ser distribuída apenas por

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

soberania alimentar, justiça territorial e adequação climática.

Portugal precisa de uma verdadeira contabilidade nacional da água. Não basta saber volumes armazenados, captados ou distribuídos. É preciso cruzar água consumida, cultura produzida, valor acrescentado, emprego criado, importância alimentar, impacto territorial, impacto ambiental, pressão sobre aquíferos e resiliência climática.

Sem isso, continuaremos a discutir a seca como se fosse apenas uma fatalidade meteorológica, e não também o resultado agravado de escolhas políticas, económicas e agrícolas. A meteorologia dá o aviso. A política decide se transforma esse aviso em inteligência ou em mais uma inauguração de betão com fita azul.

No fundo, a pergunta que Portugal evita é simples:

Estamos a transformar água em riqueza, soberania e futuro, ou apenas a despejá-la sobre um modelo agrícola que ninguém tem coragem de rever?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)